

Matança dos varões nascidos de hebreus

As histórias da Bíblia foram contadas com base nos pressupostos de quem as contava e de acordo com a função que queriam dar a elas. (ZUURMOND¹).

Introdução

Segundo Jerônimo “A verdade não pode existir em coisas que divergem”, ora, se isso de fato acontece, então estamos diante de uma situação constrangedora aos que acreditam piamente que os relatos bíblicos se pautam na mais pura verdade. Iremos ver mais um caso em que a “inerrância” bíblica fica arranhada pelos fatos históricos desvendados pela ciência humana. Quando os arqueólogos revolveram a poeira que esconde o passado, através das escavações, foram revelados fatos desconhecidos, mas também jogou baldes de água fria nos que eram tidos como verdades intocáveis.

Narrativa bíblica do caso

Depois José morreu, bem como todos os seus irmãos e toda aquela geração. Os israelitas foram fecundos e se multiplicaram; tornaram-se cada vez mais numerosos e poderosos, a tal ponto que o país ficou repleto deles. Chegou ao poder sobre o Egito um novo rei, que não conhecia José. Ele disse à sua gente: “Eis que o povo dos israelitas tornou-se mais numeroso e mais poderoso do que nós. Vinde, tomemos sábias medidas para impedir que ele cresça; pois do contrário, em caso de guerra, aumentará o número dos nossos adversários e combaterá contra nós, para depois sair do país”. Portanto impuseram a Israel inspetores de obras para tornar-lhe dura a vida com os trabalhos que lhe exigiam. Foi assim que ele construiu para Faraó as cidades-armazéns de Pitom e de Ramsés. Mas, quanto mais oprimiam, tanto mais se multiplicavam e cresciam, o que fez temer os israelitas. Os egípcios obrigavam os israelitas ao trabalho, e tornavam-lhes amarga a vida com duros trabalhos: a preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos, e toda espécie de trabalhos aos quais os obrigavam.

O Rei do Egito disse às parteiras dos hebreus, das quais uma se chamava Sefra e a outra Fuá: “Quando ajudardes as hebreias a darem à luz, observai as duas pedras. Se for menino, matai-o. Se for menina, deixai-a viver”. As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram o que o rei do Egito lhes havia ordenado, e deixaram os meninos viverem. Assim, pois, o rei do Egito chamou as parteiras e lhes disse: “Por que agistes desse modo, e deixastes os meninos viverem?” Elas responderam a Faraó: As mulheres dos hebreus não são como as egípcias. São cheias de vida e, antes que as parteiras cheguem, já deram à luz. Por isso Deus favoreceu essas parteiras; e o povo tornou-se muito numeroso e muito poderoso. E porque as parteiras temeram a Deus, ele lhes deu uma posteridade. Então, Faraó ordenou a todo o seu povo: “Jogai no Rio todo menino que nascer. Mas, deixai viver as meninas”. (Ex 1, 6-22).

Explicam-nos os tradutores da Bíblia de Jerusalém que a cidade-armazém de Ramsés é o nome da residência do Faraó Ramsés II no Delta, identificada como Tânis ou Qantir. Essa menção aponta Ramsés II (1290-1224) como o Faraó opressor e fornece aproximadamente a data do Êxodo. (p. 103).

Vamos, na sequência, ver esse relato na ótica de um historiador hebreu.

Relato segundo Flávio Josefo

Suas palavras sobre o acontecimento:

85. Êxodo 1. Como os egípcios são naturalmente preguiçosos e

¹ Rochus Zuurmond, professor de teologia bíblica da Universidade Livre de Amsterdã, na Holanda.

voluptuosos e só pensam no que lhes pode proporcionar prazer e proveito, eles olhavam com inveja a prosperidade dos hebreus e as riquezas que conquistavam com seu trabalho; conceberam mesmo certo temor pelo grande aumento de seu número. Tendo o tempo apagado a memória das obrigações que todo o Egito devia a José e tendo o reino passado a outra família, eles começaram a maltratar os israelitas e a oprimi-los com trabalhos. Empregaram-nos em cavar vários diques para deter as águas do Nilo e diversos canais para levá-las. Faziam-nos trabalhar na construção de muralhas para cercar as cidades, levantar pirâmides de altura prodigiosa e mesmo os obrigavam a aprender com dificuldade artes e diversos ofícios. Quatrocentos anos assim se passaram; os egípcios procurando sempre destruir nossa nação e os hebreus, ao contrário, esforçando-se por vencer todos esses obstáculos.

86. Este mal foi seguido por um outro, que aumentou ainda mais o desejo que os egípcios tinham de nos perder. Um dos doutores da sua lei, ao qual eles dão o nome de escribas das coisas santas e que passam entre eles por grandes profetas, disse ao rei, que naquele mesmo tempo deveria nascer um menino entre os hebreus, cuja virtude seria admirada por todo o mundo, o qual elevaria a glória de sua nação, humilharia o Egito e cuja reputação seria imortal. O rei, assustado com essa predição, publicou um edito, segundo o conselho daquele que lhe fazia essa advertência, pelo qual ordenava que se deveriam afogar todos os filhos dos hebreus do sexo masculino e ordenou às parteiras do Egito que observassem exatamente, quando as mulheres deveriam dar à luz, porque ele não confiava nas parteiras da sua nação. Esse edito ordenava também que aqueles que se atrevessem a salvar ou criar alguma dessas crianças seriam castigados com a pena de morte juntamente com toda a família. (JOSEFO, 1990, p. 79).

A história aqui é outra, pois, pela pena de Josefo, o faraó Ramsés II, mandou matar as crianças por pura superstição, já que acreditou num presságio de que um menino hebreu seria a glória de sua nação e humilharia o Egito. A narrativa bíblica conta que isso ocorreu para limitar o nascimento dos hebreus, já que o faraó temia que eles viessem a sobrepujar o seu povo.

Há uma outra versão sobre o episódio, que vem apoiar o que disse Josefo, é a que agora veremos.

Romance do Antigo Egito

Certamente, alguém poderá objetar que o que estamos trazendo aqui nesse ponto não serve como prova. Concordamos plenamente, enquanto coisa isolada, entretanto, como isso vem corroborar uma das versões anteriores, achamos por bem colocá-la mesmo diante disso, já que ela se reveste de uma provável veracidade. Leiamos:

Devo mencionar aqui um fato, que só vim a saber mais tarde, mas aqui o consigno por parecer-me conveniente: trata-se de uma profecia terrível, feita nessa ocasião por velho sacerdote de Heliópolis, célebre pelas suas revelações:

- "Dentro em breve – teria dito o profeta – nascerá de pai hebreu uma criança do sexo masculino, que, ao atingir a maioridade, cobrirá o país de desgraças; por sua culpa, o Nilo sagrado será emprestado; as cidades e campos cobertos de cadáveres, a nação arruinada, todos os primogênitos do Egito feridos de morte e o sarcófago do Faraó que suceder a Ramsés, ostentando a coroa do Alto e Baixo Egito, permanecerá vazio para sempre, pois só haverá peixes no lugar em que o corpo do rei vai ser sepultado".

Ramsés, sobremaneira impressionado, convocou um conselho secreto e discutiu os meios de conjurar tão horrorosas desgraças. Deliberaram ocultar ao povo a predição, porque, tímido e supersticioso, poderia entregar-se a sanguinolentos excessos contra os semitas em geral. Por outro lado, porém, pretextando que os hebreus eram muitos prolíferos, resolveram eliminar, durante doze luas, todos os varões que lhes nascessem. (KRIJANOWSKY, 1999, p. 23-24). (grifo nosso).

A título de informação, já que ninguém é obrigado a saber disso, o espírito que se apresenta como Conde J. W. Rochester, afirma que foi, naquela época passada, o próprio Faraó Merneptah.

Pena que as coisas não ficaram somente nisso, pois há, ainda, uma outra versão diferente das anteriores. Vamos vê-la, a seguir.

A História da Bíblia

Com base no livro com este título, temos o seguinte:

No século 14 a.C., quando Ramesés, o Grande governava o Egito, as relações entre os nativos e os judeus chegaram a ponto de explosão. Ia rebentar a luta. Os bem-vindos hóspedes de algumas centenas de anos antes haviam-se degradado de toas as maneiras. Os reis do Egito eram grandes construtores de obras públicas. As pirâmides já não estavam em moda, mas havia acampamentos, quartéis e diques a serem construídos, o que determinava uma constante procura de trabalhadores. Não era trabalho bem pago; os nativos evitavam-no; tinha, pois, de ser feito pelos judeus.

Mesmo assim grande número de judeus comerciantes conseguiam manter-se nas cidades, provocando a inveja dos egípcios que não podiam superá-los em matéria comercial. Os prejudicados foram então pedir ao Faraó o extermínio dos judeus. O soberano, entretanto, pensou em outra solução. Deu ordem para que todas as crianças judias do sexo masculino fossem mortas – um remédio simples, embora cruel. Extinguiria a raça, sem perda dos atuais operários. (VAN LOON, 1981, p. 32).

Agora a coisa se complicou ainda mais, porquanto, permanece a dúvida de qual das versões podemos tirar a realidade dos acontecimentos. Muitos tentam explicar isso. Mas além dessa divergência em relação ao motivo algo mais grave acontece em relação a tudo isso. É que iremos ver agora.

Ramsés II foi mesmo o Faraó daquela época?

Trazemos ao leitor a explicação que os autores dum livro que busca exatamente explicar as contradições bíblicas:

ÊXODO 5:2 - Quem foi o Faraó de Êxodo?

PROBLEMA: A posição predominante dos eruditos nos dias de hoje é que o Faraó de Êxodo era Ramsés II. Se assim for, isso significa que o êxodo ocorreu aproximadamente entre 1270 e 1260 a.C. Entretanto, de várias referências da Bíblia (Jz 11:26; 1 Rs 6:1; At 13:19-20), a data do êxodo é inferida como sendo 1447 a.C. Assim, de acordo com o sistema de datas normalmente aceito, o Faraó de Êxodo seria Amenotep II. Quem foi de fato o Faraó mencionado no livro de Êxodo, e quando foi que o êxodo ocorreu?

SOLUÇÃO: Conquanto muitos eruditos da atualidade tenham proposto uma data posterior para o evento do êxodo, de 1270 a 1260 a.C., há evidências suficientes para se dizer que não é necessário aceitar essa data. Uma explicação alternativa nos fornece um melhor relato de todos os dados históricos, e coloca o êxodo por volta de 1447 a.C.

Primeiro, as datas bíblicas para o êxodo o colocam nos anos em torno de 1400 a.C., já que 1 Reis 6:1 declara que ele ocorreu 480 anos antes do quarto ano do reinado de Salomão (o que foi por volta de 967 a.C.). Isso colocaria o êxodo por volta de 1447 a.C., de acordo com Juízes 11:26, que afirma que Israel passou 300 anos na terra, até o tempo de Jefté (o que foi cerca de 1000 a.C.).

De igual modo, Atos 13:20 diz ter havido 450 anos de juizes, de Moisés a Samuel, sendo que este último viveu por volta de 1000 a.C. O mesmo ocorre com respeito aos 430 anos mencionados em Gálatas 3:17 (veja os comentários deste versículo), abrangendo o período de 1800 a 1450 a.C. (de Jacó a Moisés). O mesmo número é usado em Êxodo 12:40. Todas essas passagens indicam uma data em torno de 1400 a.C., não em torno de 1200 a.C., como os críticos afirmam.

Segundo, John Bimson e David Livingston propuseram uma revisão da data tradicionalmente atribuída ao fim da Idade do Bronze Média e início da Idade do Bronze Avançada, de 1550 para um pouco antes de 1400 a.C. A Idade do Bronze Média caracterizava-se por cidades grandemente fortificadas, cuja

descrição se enquadra muito bem com o relato que os espias trouxeram a Moisés (Dt 1:28). Isso significa que a conquista de Canaã se deu por volta de 1400 a.C. Como as Escrituras afirmam que Israel vagueou pelo deserto por cerca de 40 anos, isso dataria o êxodo por volta de 1440 a.C., totalmente de acordo com a cronologia bíblica. Se aceitarmos os registros tradicionais dos reinos dos Faraós, isso significaria que o Faraó do livro de Êxodo foi Amenotep II, que reinou de cerca de 1450 a 1425 a.C.

Terceiro, outra possível solução, conhecida como a revisão de Velikovskyy-Courville, propõe uma revisão na cronologia tradicional dos reinados dos Faraós. Velikovskyy e Courville afirmam que há 600 anos a mais na cronologia dos reis do Egito. Evidências arqueológicas podem ser juntadas para substanciar esta proposta que de novo data o êxodo em 1440 a.C. De acordo com este ponto de vista, o Faraó nesse tempo era o rei Tom. Isto se harmoniza com a afirmação de Êxodo 1:11, de que os israelitas foram escravizados para construírem a cidade chamada Pitom (residência de Tom). Quando a cronologia bíblica é tomada como padrão, todas as evidências arqueológicas e históricas se encaixam direitinho. (Veja Geisler e Brooks, *When Skeptics Ask* [Quando os Cépticos Questionam], Victor Books, 1990, cap. 9). (GEISLER e HOWE, 1999, p. 73-74).

Então temos duas datas aproximadas para o Êxodo, uma em 1440 a.C. e outra 1.270 a.C. Uma referência importante é encontrada na passagem bíblica transcrita, no início, onde no versículo 11 lemos: *"Foi assim que ele construiu para Faraó as cidades-armazéns de Pitom e de Ramsés"*. Para definir qual é a data dos acontecimentos temos que saber quem foi que construiu esses armazéns. É unânime entre os historiadores que foi Ramsés II, o que evidencia uma contradição na Bíblia quando por suas narrativas pode-se inferir também que a época seja 1440 a.C.

Werner Keller, informa-nos:

O quadro do túmulo aberto na rocha mostra uma cena da construção do templo de Amon na cidade de Tebas. As "clássicas" cidades da escravidão os filhos de Israel eram, entretanto, Pitom e Ramsés. Ambos esses nome aparecem sob forma um tanto modificada em inscrições egípcias. "Per-Itm", "Casa do deus Atum", é uma cidade que não existia antes da época de Ramsés II. E a já citada Per-Ramsés-Meri-Imen é a bíblica Ramsés. Uma inscrição do tempo de Ramsés II fala de "pr" "que arrastam pedras para a grande fortaleza da cidade de Per-Ramsés-Meri-Imen". A língua egípcia designa como "pr" os semitas. (KELLER, 2004, p. 126).

Isso resolve em parte o nosso problema, entretanto, cria-nos um outro, senão vejamos.

[...] as fontes egípcias relatam que a cidade de Pi-Ramsés ('A Casa de Ramsés') foi construída no delta na época do grande rei egípcio Ramsés II, que governou de 1279 a 1213 a.C., e que aparentemente semitas foram aproveitados na sua construção. ...a menção mais antiga de Israel num texto extrabíblico foi encontrada no Egito, na estela que descreve a campanha do faraó Menepthah² – o filho de Ramsés II – em Canaã, no exato final do século XIII a.C. A inscrição relata uma destrutiva campanha militar egípcia naquela região, durante a qual um povo chamado Israel foi dizimado ao ponto de o faraó ter-se vangloriado de que "a semente de Israel não mais existe!" (FINKELSTEIN e SILBERMAN³, 2003, p. 86).

Se Israel é vencido pelo faraó Merneptah, como explicar o Êxodo conforme a narrativa bíblica que o coloca no reinado de Ramsés II? Se o povo hebreu saiu do Egito por volta de 1270 e tendo ficado 40 anos no deserto, isso nós remete ao ano de 1230 a.C. para a ocupação de Canaã. Mas nesse período o Egito era regido pelo faraó Ramsés II e não por Merneptah. Sabemos que Ramsés II morreu em agosto de 1213 a.C., com cerca de 90 anos (Nacional Geographic, p. 60), só então assumiu o trono Merneptah. Veja, caro leitor, que as coisas estão

² Aqui nome do faraó parece com outra grafia.

³ Israel Finkelstein é diretor do Instituto de Arqueologia Sonia e marco Nadler, da Universidade de Tel Aviv, em Israel e Neil Asher Silberman é diretor de interpretação histórica do Centro Ename de Arqueologia Pública e Apresentação do Legado Histórico, na Bélgica, além de contribuir regularmente, como editor, para a revista *Archaeology*.

se complicando cada vez mais, difícil saber o que de fato aconteceu neste período histórico. Ainda mais coisas colocam esses dois arqueólogos, que acabamos de citar:

[...] nas abundantes fontes egípcias que descrevem a época do Novo Império em geral, e o século XIII em particular, não há referência aos israelitas, nem mesmo uma única pista. Sabemos sobre grupos nômades de Edom que entraram no Egito pelo deserto. A estela de Meneptah se refere a Israel como um grupo de pessoas que viviam em Canaã. Mas não há pistas, nem mesmo uma única palavra, sobre antigos israelitas no Egito: nem nas inscrições monumentais nas paredes dos templos, nem nas inscrições em túmulos, nem em papiros. Israel inexistiu como possível inimigo do Egito, como amigo ou como nação escravizada. E simplesmente não existem achados arqueológicos no Egito que possam estar associados de forma direta com a noção de um grupo étnico distinto (em oposição a uma concentração de trabalhadores migrantes de muitos lugares), vivendo numa área específica a leste do delta, como subentendido no relato bíblico sobre os filhos de Israel vivendo juntos na terra de Gessen (Gênesis 46,27).

Há algo mais: parece altamente improvável, como também é a travessia do deserto e o ingresso em Canaã, que um grupo, mesmo que pequeno, pudesse fugir do controle egípcio na época de Ramsés II. No século XIII a.C., o Egito estava no auge de seu poder e autoridade, o poder dominante do mundo. O controle sobre Canaã era firme; fortalezas foram construídas em diversas partes do país, e funcionários egípcios administraram os assuntos na região. Nas cartas de el-Amarna, datadas de um século antes, há a informação de que uma unidade de cinquenta soldados egípcios era grande o bastante para apaziguar qualquer agitação em Canaã. E ao longo do período do Novo Império os extensos exércitos marcharam através de Canaã para o norte, até o rio Eufrates, na Síria. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 90).

Apenas para ilustrar e mostrar que nem mesmo as datas que os faraós reinaram são unânimes, por isso poder-se-á encontrar datas discrepantes nesse estudo. Vejamos:

19ª DINASTIA

Ramsés I	1292-1290
Seti I	1290-1279
Ramsés II	1279-1213
Merneptah	1213-1204

(National Geographic, p. 49, Baseado em pesquisas de Rolf Krauss, do Museu Egípcio de Berlim).

Conclusão

Pelo que conseguimos juntar nas pesquisas para nosso estudo, e apresentadas neste texto, a conclusão que se pode chegar não é outra senão que a narrativa bíblica não representa a verdade dos fatos. Não passa de uma ficção literária inventada pelos autores. Entretanto, quando especificamente à questão do povo hebreu no Egito há uma possibilidade que sejam os hicsos que foram expulsos por lá por volta de 1570 a.C. (FINKELSTEIN e SILBERMAN, 2003, p. 75), mas isso colocaria o Êxodo por volta de 1440 a.C., período em que reinava Tutmés III.

Isso tudo nos leva a também desacreditar na história sobre a suposta ordem do Faraó de matar crianças dos hebreus.

Paulo da Silva Neto Sobrinho
Mai/2006.

Referências Bibliográficas:

- FINKELSTEIN, I e SILBERMAN, N. A, *A Bíblia não tinha razão*, São Paulo: A Girafa, 2003.
- GEISLER, N e HOWE, T. *Manual Popular de dúvidas, enigmas e "contradições" da Bíblia*, São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro: CPAD, 1990.
- KELLER, W. *E a Bíblia tinha razão...*, São Paulo: Melhoramentos, 2004.
- KRIJANOWSKY, V. *O Faraó Merneptah*, ditado pelo espírito Conde J. W. Rochester, São Paulo: Lake, 1999.
- VAN LOON, H. W. *A História da Bíblia*, São Paulo: Cultrix, 1981.
- National Geographic Especial, n°. 26, São Paulo: Abril, jun/2002.
- Bíblia de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2002.